GRAMÁTICA, DISCURSO E ENSINO[1]

Aline Rodrigues[2], Gesualda dos Santos Rasia[3]. UNIJUÍ

INTRODUÇÃO: Esta pesquisa tem por finalidade estudar, a partir da constituição histórica da Gramática Normativa, e do lugar que a regra e a exceção têm assumido nela, que noções teóricas dão suporte para se proceder à análise dos discursos que professores formulam sobre o ensino de Língua Portuguesa. Enfim, a pesquisa procura analisar a relação entre o discurso sobre o conhecimento de língua, produzido a partir do lugar do professor, e a relação desse discurso com suas práticas de ensino. MATERIAIS E MÉTODOS: O estudo tem como metodologia a pesquisa bibliográfica, com ênfase na Análise do Discurso (AD), aplicação de instrumento de pesquisa (entrevistas) junto a professores de português das séries finais do Ensino Fundamental e observações de aulas de língua portuguesa. Essa observação visa à análise da abordagem que o par regra/ exceção recebe em sala de aula, e como é discursivizado o imaginário de língua a partir desse par. Para fazer esta análise, foi utilizada a noção teórica de Formação Discursiva (FD), composta por enunciados produzidos por professores sobre o ensino de língua portuguesa, sendo que esses enunciados compõem a Formação Discursiva Pedagógica (FDP). A partir desses enunciados, foi verificado como se discursiviza o que é Língua Portuguesa no contexto escolar. RESULTADOS: Este estudo ocupou-se em analisar os sentidos produzidos por enunciados de professores em sala de aula, nas séries finais do Ensino Fundamental sobre o ensino de gramática. Procurando melhor explicitar a trajetória percorrida, retomo os objetivos centrais que nortearam a análise: (a) aprofundar estudos no sentido de melhor compreender como a gramática tradicional foi codificada e quem foram esses codificadores; (b) realizar pesquisa bibliográfica sobre a Análise de Discurso (AD) e alguns de seus conceitos; (c) compreender como os discursos em análise funcionam e quais sentidos podem produzir e (d) entender a relação desse funcionamento discursivo com o lugar social do enunciador (professor), através das análises. A partir do estudo bibliográfico realizado, pude perceber que a Gramática Tradicional teve uma de suas formas de codificação em Alexandria, por Dionísio Trácio (séc. II a.C.), sendo considerada, nesse contexto, como parâmetro do falar e escrever corretamente. A partir dessa herança ela é vista, até hoje, como fonte de estabelecimento de regras de um padrão de língua, pautado principalmente pelas regras da língua escrita. A formação da gramática se dá a partir do postulado alexandrino de que as analogias (regras) são sustentadas por anomalias (exceção). A ancoragem teórica na Análise do Discurso (AD) justifica-se pelo fato de essa teoria oferecer o aparato necessário para "olharmos" os enunciados que são produzidos sobre o ensino de língua na perspectiva de uma construção que é histórico-social e determinada, mas que mesmo assim, ou por isso mesmo, possibilita a não uniformidade, ou seja, o espaço para práticas diferenciadas. Uma das noções teórica que mobilizei para o estudo foi a noção de Formação Discursiva (FD), a qual, segundo Orlandi (1999 pág.43), "ainda que polêmica, é básica para a AD, pois permite compreender o processo de produção dos sentidos, a sua relação com a ideologia e também dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso".Também foi estudado o Discurso Pedagógico (DP), composto,

neste caso, por enunciados presentes em gramáticas e por formulações feitas por professores sobre o ensino de língua. Vale destacar que ele é caracterizado como um discurso autoritário. Orlandi (2001) expõe que no DP a Gramática aparece como algo que se deva saber, e esta se dissimula como transmissora de informação sob a rubrica da cientificidade, enquanto seu estabelecimento é observado sob dois aspectos: o da metalinguagem e o da apropriação do lugar de cientista, feita pelo professor. Outra noção teórica estudada define ordem e organização na língua, a primeira pode ser entendida como o funcionamento da língua, o discurso presente no lingüístico, enquanto que a organização lingüística é vista como a estrutura lingüística, a regra, a sistematicidade, sendo através da organização que se pode compreender a ordem discursiva implicada na língua. Também foi possível perceber que a gramática apresenta-se como um produto acabado, com autoridade sobre o que é permitido e o que é vedado ao usuário da língua, principalmente na ordem da escrita, na qual não há espaço para outras formas de uso que não sejam as formas cultas. A partir das entrevistas feitas em sala de aula, nota-se que o professor de língua materna assume o lugar de cientista, advogando para si os conceitos e noções e os reproduz, fazendo com que o ensino torne-se uma lei ao usuário da língua. E, desta forma, passa ao aluno uma visão de gramática como sendo a lei, que deve ser obedecida, principalmente na escrita, ignorando as outras formas de uso, que para ele professor não são corretas. Ele diferencia os registros lingüísticos como existindo o melhor ou o pior uso, como se isso fosse possível. As observações em sala de aula também mostraram que os professores tendem a acreditar que os alunos não são capazes de formular o conhecimento gramatical por si só, dependendo sempre da mediação do professor, e nessa mediação o conhecimento sobre língua tende a ser atenuado em sua suposta dificuldade, o que se marca pelo emprego recorrente de diminutivos. CONCLUSÃO: Os enunciados produzidos por professores sobre língua, mobilizados para esta pesquisa, possibilitam o acesso à Formação Discursiva a partir da qual se enuncia a gramática como um conjunto de regras. No interior desta FD o enunciador se filia ao Discurso Pedagógico (DP), pois os conceitos são retirados tais quais estão descritos na gramática, e é repassado aos alunos somente aquilo que está nela. Uma provável explicação a isso é a de que o professor se filia neste discurso para sua própria segurança, para não correr o risco de cometer nenhum deslize ao passar informações a seus alunos. Mas estes enunciadores deveriam mostrar aos alunos que as formas consideradas "não corretas" também têm seu lugar dentro da gramática, como constitutivas da regra. No momento em que os professores contemplarem a ordem na língua, considerando que nesta há deslizes, espaço para a diferença; e não apenas contemplarem a organização, isso possibilitará que o aluno reflita sobre a língua e as possibilidades de produção de sentido, fazendo com que haja mais interação, em sala de aula, entre aluno e professor, contribuindo para que o aluno não apenas decore o conteúdo, e sim atribua outros sentidos possíveis para os enunciados. O espaço de sala de aula deveria propiciar que o aluno refletisse, distinguindo o que deve ser usado em um momento e não em outro e que ele não apenas decorasse o que é correto e o que é incorreto. Apoio: CNPq

[1] Trabalho de iniciação científica PIBIC/CNPq

2 Bolsista PIBIC/CNPq

3 Professora do DELAC/ UNIJUI, orientadora